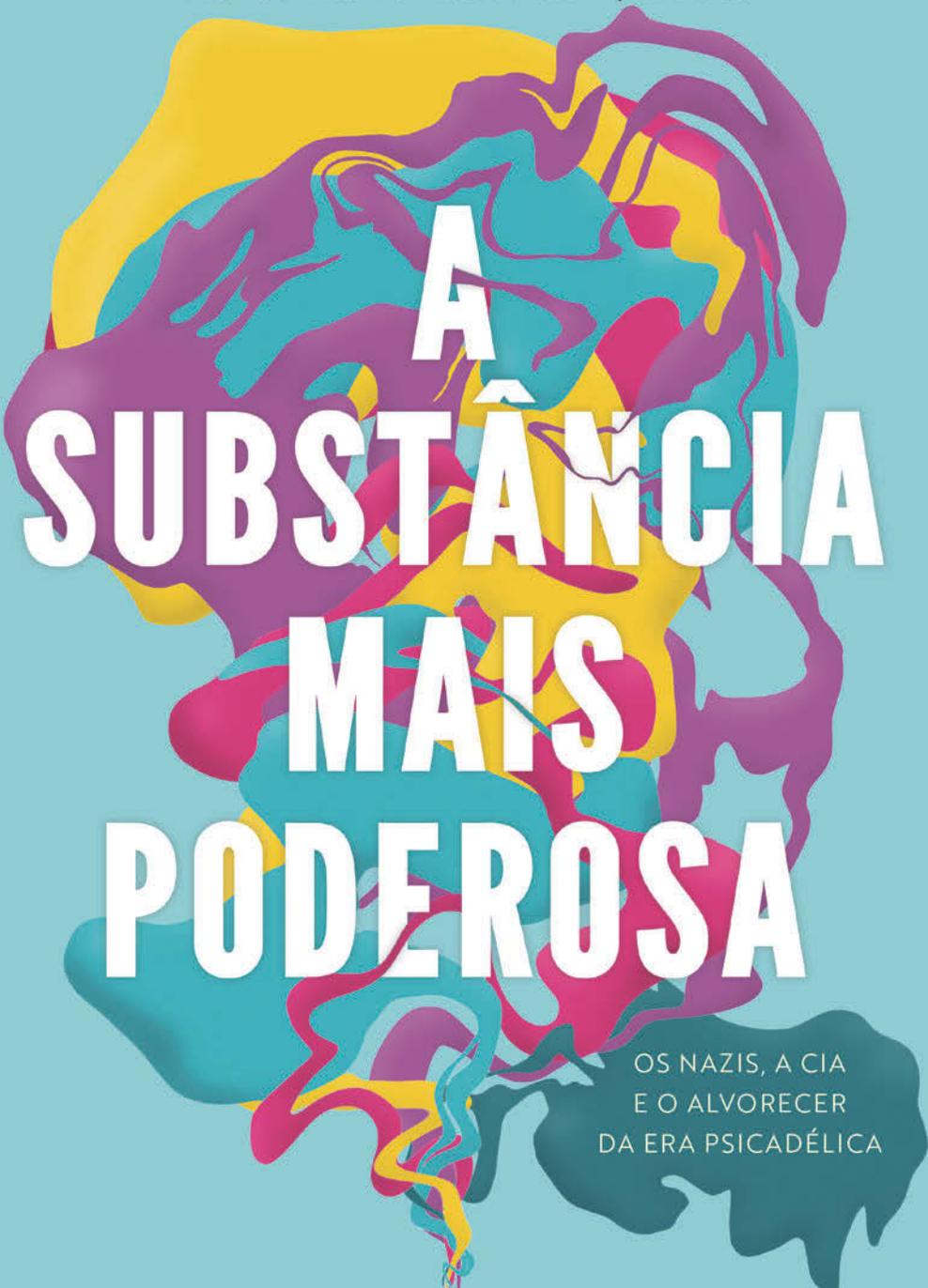


NORMAN OHLER

Autor de *Delírio Total* e *Os Infiltrados*



A
SUBSTÂNCIA
MAIS
PODEROSA

OS NAZIS, A CIA
E O ALVORECER
DA ERA PSICADÉLICA



M o g a i s

Aos meus pais

ÍNDICE

<i>Introdução: Bula do Medicamento</i>	11
PARTE I: Medicamento	17
De Tinta a Medicamento	32
Na Estação Central de Zurique	39
<i>In Loco</i> : o Arquivo da Novartis	41
Os Ratos Não Dão por Nada	48
Queijo Suíço e Cravagem	58
Agroquímica.....	60
LSD no Arquivo.....	68
A Arte de Arthur Stoll	73
O Outro Richard.....	80
Lavagem Cerebral	84
PARTE II: Arma	87
Nome de Código <i>Alsos</i>	92
A Caixa Desaparecida	97
O Consultor Kuhn	100
Costeletas de Porco.....	102
LSD nos Estados Unidos	105
Guerra Cerebral.....	114
O CEO e a CIA.....	116
O Caso de Frank Olson	121
Reeducação	124
Operação <i>Midnight Climax</i>	133

PARTE III: Estupefaciente.....	141
Encomenda por Atacado.....	150
LSDJFK.....	161
A Revolta das Cobaias.....	163
O Urso.....	169
Elvis Visita Nixon.....	171
Uma Caixa de Vinho.....	176
Hofmann, o Lado Luminoso da Força.....	179
Epílogo: LSD Para a Mamã.....	185
A Pandemia de Demência.....	191
LSD Debaixo da Árvore de Natal.....	193
Dias das Gotas.....	200
A Casa dos Psicadélicos.....	202
<i>Agradecimentos</i>	205
<i>Notas</i>	207
<i>Bibliografia</i>	235

INTRODUÇÃO: BULA DO MEDICAMENTO

Em finais da década de 1990, no interior do antigo silo de um míssil nuclear no Kansas, Leonard Pickard instalou o que foi provavelmente o maior laboratório de LSD de todos os tempos. A escolha desse lugar para uma operação em tão grande escala parecia simbólica, tendo em conta que a história da poderosa substância está intimamente interligada com a da Guerra Fria e da sua corrida ao armamento. Em doze hectares de terra, por trás de portões com controlo remoto e de uma porta em aço com cem toneladas que poderia aguentar até um ataque nuclear, Pickard terá alegadamente produzido um quilograma do fármaco por mês, o que, tendo em conta a sua potência, é uma quantidade extraordinariamente avultada. Disse-se que com isso, o diplomado pela School of Government John F. Kennedy de Harvard terá fornecido 95 por cento da provisão de LSD dos Estados Unidos.

A 7 de novembro de 2000, dia das eleições presidenciais disputadas entre George W. Bush e Al Gore, Pickard estava a inspecionar as instalações quando reparou que a sua túnica *zen* cinzenta, que normalmente teria dobrado com desvelo e arrumado, fora deixada descuidadamente num canto*. Agarrando de imediato na veste, Pickard e o sócio decidiram sair rapidamente dali. Embora tivessem o cuidado de não ultrapassar o limite de velocidade, em breve viram luzes a piscar no encalço

* Pickard praticara em tempos com o mesmo mestre *zen* que Steve Jobs — e consumira o mesmo LSD que Jobs, que atribuiu a uma das suas experiências psicadélicas a inspiração para o computador pessoal.

deles. «É agora», disse Pickard através do rádio para o amigo que vinha atrás dele a conduzir o caminhão com o equipamento de laboratório. Pickard não obedeceu à ordem para encostar e foi perseguido por agentes com o estridor das sirenes. Durante esse tempo, o cozinheiro de ácidos só conseguia pensar numa coisa: a sua mulher, uma estudante ucraniana que frequentava a Universidade da Califórnia, Berkeley, estava grávida de nove meses e prestes a dar à luz a filha de ambos.

Quando chegou a um bairro residencial, o homem de 55 anos estacionou na berma da estrada, abriu a porta do lado do passageiro, arrastou-se sobre o assento e saltou para fora do carro. Corredor de fundo experiente, livrou-se dos perseguidores e, algumas milhas mais adiante, atravessou o gelado rio Big Blue, um afluente do rio Kansas, para ocultar o seu odor dos cães de busca.

Ao luar, Pickard seguiu uma linha ferroviária que o conduziu a uma pequena povoação com o nome pomposo de Manhattan, Kansas. Incerto quanto a ser preferível tentar misturar-se entre os residentes ou abrigar-se nos bosques, optou pela última estratégia. Ouviu helicópteros à distância, a procurá-lo durante toda a noite com *scanners* de infravermelhos. Escondeu-se durante horas num tubo de betão que lhe ocultava o calor corporal da deteção e, pela manhã, enregelado, encontrou uma quinta solitária e procurou refúgio num caminhão estacionado diante do celeiro. Por volta das 7h, o cão do agricultor deu por ele e alertou o dono com os latidos. Pickard pediu ao homem que lhe desse uma boleia para a cidade e o agricultor acedeu. Porém, estava a fingir: ao pequeno-almoço, vira na televisão uma fotografia de Leonard Pickard como sendo procurado. Em breve, o carro do xerife acelerava na direção da quinta. Pickard fugiu mais uma vez, atravessando a correr campo agrícola aberto. O carro da polícia perseguiu-o sobre o restolho do cereal, guiando ao aproximar-se cada vez mais dele. Por fim, o agente

apeou-se de arma em punho e deteve-o. A primeira coisa que fez foi tirar a Pickard a aliança de casamento. Duas penas perpétuas mais vinte anos, veio a ler-se posteriormente no veredicto.

Leonard Pickard nunca levantara uma mão contra ninguém. Não roubara nada nem molestara ninguém. Tudo o que fizera fora produzir uma substância que meio século antes tinha sido considerada a criação farmacológica mais promissora de todos os tempos, um produto de qualidade fabricado pela empresa farmacêutica suíça Sandoz. Contudo, nos anos então volvidos, algo acontecera com o LSD. Fora desviado do seu curso, tornara-se incompreendido e empregado incorretamente, e caíra na categoria infame das drogas proibidas que um alto responsável dos Estados Unidos chamado Harry J. Anslinger, diretor da Agência Federal de Estupefacientes* (AFE), criara quase sozinho após a Segunda Guerra Mundial. Ao longo dos anos, amigos e apoiantes pronunciaram-se em favor de Pickard e, no pico da pandemia do coronavírus, aconteceu o inesperado: um juiz concedeu uma «libertação humanitária» e, assim, ao fim de mais de vinte anos atrás das grades, ele voltou a ser um homem livre.

A libertação inesperada de Leonard Pickard pode ser vista como simbolizando uma reversão mais ampla no seio da sociedade relativamente ao tratamento do LSD. Pickard, que outrora foi considerado tão perigoso que a lei o quis vitaliciamente encarcerado numa prisão de alta segurança, é agora consultor científico de um fundo que procura oportunidades no cruzamento dos psicadélicos com a tecnologia, na esperança de identificar os gigantes farmacológicos do futuro. Também aconselha a empresa canadiana Psygen sobre o desenvolvimento de medicamentos psicadélicos. Todas as manhãs, das 6h às 9h, ele estuda as publicações mais recentes saídas de instituições de investigação de todo o planeta.

* Federal Bureau of Narcotics, no original. [N. T.]

DOSAGEM E ADMINISTRAÇÃO

A história inicial do LSD teria sido sempre fascinante, mas no momento atual parece particularmente relevante. Um espectro assombra o mundo: o espectro da legalização. Cada vez mais governos começam a depender do conhecimento científico em vez de se curvarem às exigências ideológicas da Guerra Fria.

Eu próprio senti curiosidade a respeito da droga quando o meu pai, juiz aposentado, começou a ponderar administrar microdoses de LSD à minha mãe para lhe tratar a doença de Alzheimer. Ele tinha-me perguntado por que razão, se era esperado que o fármaco resultasse, não podia simplesmente comprá-lo na farmácia. Isso levou-me a encetar a minha própria investigação.

Quanto mais mergulhei na história, mais fascinado me senti. Comecei por analisar quanto da história inicial do LSD foi determinada pela nuvem que paira sobre a molécula, como resultado da ligação pessoal entre um CEO de uma empresa farmacêutica suíça chamado Arthur Stoll, uma espécie de antecessor involuntário do psicadelismo, e Richard Kuhn, principal bioquímico do Terceiro Reich. Esta relação ajudou os nacional-socialistas, que estavam a começar a estudar o uso das drogas psicadélicas como potenciais «fármacos da verdade» — uma investigação questionável que, depois da guerra, suscitou o interesse das Forças Armadas norte-americanas e das suas agências de informação por essas substâncias.

Este livro é o que resultou da minha curiosidade. Neste momento em que, volvidas muitas décadas, estamos finalmente a reconsiderar a natureza das nossas leis relativas às drogas psicadélicas, parece mais importante do que nunca olhar para trás e compreender como foi que, antes de mais, chegámos a essas regulamentações.

O facto de o governo dos Estados Unidos ter tido conhecimento do LSD através da investigação nazi influenciou muitas

das primeiras atitudes em torno dessa e de outras substâncias psicadélicas: assim que os nazis encontraram uma utilização potencialmente bélica para o LSD, o fármaco nunca mais se livrou dessa mácula. Toda uma classe de medicamentos com potencial para ajudar a tratar doenças que, sem eles, eram basicamente incuráveis, ficou enclausurada entre o regime nazi em queda e os primeiros frêmitos da Guerra Fria, o que desfez as suas promessas iniciais.

Além da percepção militarizada errônea derivada dos nazis, houve outras áreas da política norte-americana dos estupefacientes influenciadas pelo Terceiro Reich. Na verdade, a deradeira proibição de todas as drogas, incluindo as substâncias psicadélicas, pode ser feita remontar à Alemanha de Hitler, onde a abordagem nazi à interdição das drogas, a que chamaram *Rauschgiftbekämpfung* ou combate contra os estupefacientes, precursor da Guerra às Drogas, também inspirou a política proibicionista norte-americana. Com efeito, foi um agente norte-americano do controlo de estupefacientes chamado Arthur Giuliani, da Agência Federal de Estupefacientes, colocado na Berlim ocupada após a queda do regime nazi, quem importou grande parte das políticas racistas contra as drogas para os Estados Unidos. Também reapareceria mais tarde para desempenhar um papel na história inicial do LSD nos Estados Unidos.

Quando a maioria das pessoas pensa em LSD, não pensa nos nazis e, todavia, essa mão invisível teve um papel na formação das nossas leis relativas a essa classe de fármaco, limitando a nossa capacidade de usar as drogas psicadélicas para efeitos de investigação médica. Só compreendendo a história inicial do LSD poderemos avaliar devidamente a discussão corrente em torno do «renascimento psicadélico», a próxima grande expansão da indústria farmacêutica. Temos de compreender em primeiro lugar a lógica deficiente que limitou as utilizações terapêuticas das drogas psicadélicas, porque perceber as raízes dessa lógica

permitir-nos-á, finalmente, adotar de forma plena os benefícios dessas substâncias.

O primeiro passo para ajudar pacientes que carecem de terapia psicadélica — pessoas como a minha mãe — principia não no presente ou no futuro, mas no passado.

Berlim, 2023

PARTE I

MEDICAMENTO

Quando Arthur J. Giuliani, da Agência Federal de Estupefacientes, assumiu o cargo como agente de controlo de drogas no setor norte-americano de Berlim a 8 de abril de 1946, tinha 37 anos e, apesar de não saber uma palavra de alemão, tinha a seu favor o facto de falar um pouco de francês e italiano, ambos os idiomas adquiridos nas ruas de Nova Iorque. A antiga capital do Reich estava de rastos. As feridas rasgadas pelas bombas britânicas e norte-americanas, de um lado, e pelo fogo da artilharia russa do outro, ainda se viam por toda a parte. O entulho formava um cenário arrepiante nas ruas, por onde vagueavam os fantasmas do passado, enquanto os conflitos geopolíticos do futuro já se faziam sentir e os residentes derreados procuravam a mercadoria preciosa da normalidade. Berlim era um lugar que ficara completamente fora de controlo, um lugar que quase não parecia possível regular. Só a pouco e pouco as mulheres que compunham as equipas do cascalho conseguiam desimpedir as ruas e torná-las novamente transitáveis. Ali estava uma metrópole arrasada em que milhares de pessoas viviam em ruínas, quase todas sem trabalho, apanhadas num estado entre a exaustão e a perspetiva emocionante de recomeçar a vida de raiz.

A economia desbaratada constituía um paraíso para intruções e traficantes. Todos os que careciam das necessidades mais básicas tinham de recorrer ao mercado negro, no qual podiam encontrar tudo o que não estivesse preso ao chão, de próteses de braços e pernas a ligas para as meias. Esses mercados ilegais surgiram em mais de três dezenas de lugares, no lado oriental e no ocidental, cada um com o seu próprio misto de

desconfiança, desespero e um leve indício de atmosfera de corrida ao ouro, tudo manifestações do «desespero, confusão e cinismo totais que reinavam agora em Berlim», como relatou o *Washington Daily News*.

Barras de chocolate *Hershey*, bolachas de trigo integral, *Oreos*, chocolates *Butterfinger* e *Mars*, uísque *Jack Daniel's*: por bens de consumo como estes, os alemães castigados pela guerra estavam preparados para se desfazerem de tudo, da sua bela câmara *Leica* ao rim esquerdo. Uma Cruz de Ferro por um *Snickers*! Um relógio de bolso por um pedaço de margarina. As mulheres embonecavam-se e ofereciam os seus corpos como mercadoria para troca. Personagens obscuros andavam para lá e para cá, a sussurrar propostas aos transeuntes, com vários relógios em cada pulso, uma profusão de medalhas presas no forro dos seus sobretudos, chapéus descaradamente inclinados para trás e sempre com cigarros a pender-lhes dos lábios, desde que os conseguissem arranjar. Soldados dos Aliados brandiam punhados de dinheiro que não os deixavam enviar para as suas terras. Um criminologista da época resumiu a situação que via à sua volta: «O fenómeno do crime na Alemanha atingiu um nível e modalidades sem paralelo na história da civilização ocidental.»

O que era evidente por toda a parte era uma «desprofissionalização da criminalidade». Em Berlim parecia que toda a gente tinha um segredo, todos ludibriavam e intrujavam; não conseguiam sobreviver de outra maneira. Negócios ilícitos eram uma parte integrante da vida diária da população em geral. O submundo exercia uma força irresistível de atração sobre o que restava da sociedade decente. As leis já não eram respeitadas. A ditadura rígida de Hitler era uma coisa do passado e parecia agora que tudo era permitido: «um meio em que as transações no mercado negro são uma forma corrente de transgressão da lei.» *Zapp-zarapp*, a expressão emprestada do russo para o ato

de «tirar algo a alguém com um movimento rápido e praticamente imperceptível», tornara-se omnipresente.

As quatro potências ocupantes — os Estados Unidos, a União Soviética, a Grã-Bretanha e a França — não tinham mãos a medir naquela Berlim que já não era governada pelos nazis, mas por instintos primitivos, pela vontade de sobrevivência. Formaram-se «grupos de trabalho» entre os Aliados para lidar com questões variadas, incluindo a questão urgente de regular o comércio de drogas, que ficara fora de controlo.

Um problema eram as vastas quantidades de estupefacientes que tinham sido resgatadas dos armazéns da defunta Wehrmacht ou recolhidas nas ruínas de edifícios bombardeados e postas a circular: *Pervitin*, produzido pela Temmler e contendo metanfetamina; heroína da Bayer; cocaína da Merck, em Darmstadt, considerada a melhor do mundo; *Eukodal*, o opioide indutor de euforia que fora a droga de eleição de Hitler, também fabricado pela Merck. Sendo as condições de vida difíceis como eram, cada vez mais pessoas deitavam mão a substâncias que as ajudavam a ultrapassar o dia... ou a noite. Os delitos com estupefacientes aumentaram 103 por cento nos primeiros seis meses de 1946, em comparação com um aumento de 57 por cento de outros crimes. No mercado negro, eram pedidos «preços tremendos» por «drogas traficadas»: 20 *Reichsmarks* por injeção de morfina; 2400 *Reichsmarks* por cinquenta comprimidos de cocaína, de 0,003 gramas. Giuliani ficou perturbado com aquelas margens elevadíssimas, receando que os «lucros [...] pudessem ser usados pelos nazis na clandestinidade».

Na sua última carta dirigida a Washington antes de desistir, o antecessor de Giuliani, Samuel Breidenbach, comparara a Alemanha do pós-guerra ao Oeste Selvagem americano. Contudo, o recém-chegado não se assustaria tão facilmente. Decidiu-se antes a restabelecer a ordem e lançar as bases de uma nova legislação relativa aos estupefacientes que seria aplicável a toda

a Alemanha. Era um desafio que o agente de controlo de estu-
pefacientes, no seu novíssimo uniforme militar americano,
enfrentava de muito bom grado. Ajudava também que o salário
que o Departamento de Guerra lhe pagava fosse 25 por cento
superior ao que teria ganhado numa função civil. Os interesses
em conflito das diversas potências ocupantes, todas a tentarem
orientar Berlim nesta ou naquela direção, não incomodavam
muito Giuliani, dedicado ao seu trabalho. Afinal, *ele*, sendo norte-
americano, era portador da paz, da prosperidade e da liberdade
— e o que podia haver de errado nisso?

Nem toda a gente tinha uma visão negativa do caos. O escri-
tor Hans Magnus Enzensberger tinha 17 anos na altura e não
precisava de ir para a escola, porque já não havia nenhuma escola
para onde ir... ou ainda não havia. O biógrafo dele descreveu o
mundo dilacerado como lugar de aprendizagem: «Mesmo sem
escola, podemos hoje aprender muito sobre política e socie-
dade: aprendemos, por exemplo, que um país sem um governo
decente pode ser algo muito agradável. Aprende-se, no mer-
cado negro, que o capitalismo tem sempre uma oportunidade
para os expeditos. Aprende-se que uma sociedade é algo que
se pode organizar por si mesma sem ordens e orientação cen-
tralizadas. Em situação de escassez, aprende-se muito sobre
as necessidades reais das pessoas. Aprende-se que as pessoas
podem ser flexíveis e que as convicções solenes podem não ser
tão inabaláveis como parecem. Numa palavra: apesar das adver-
sidades, é um tempo maravilhoso se se for jovem e curioso,
um breve verão de anarquia.»

Nem mesmo Arthur Giuliani, que instalou o seu gabinete
no quartel-general norte-americano em Berlim-Zehlendorf,
podia negar o seu fascínio com as invulgares circunstâncias:
«É absolutamente impossível ter consciência plena da des-
truição de Berlim», escreveu a Harry J. Anslinger, que estava
em Washington. «Talvez passados alguns anos seja possível

desenterrar uma quantidade razoável de informação das caves onde agora está sepultada por toneladas de destroços do que outrora foram os edifícios que ali se erguiam. Contudo, ainda não se antevê esse momento.» Ele manteve-se atarefado, confiscando qualquer coisa aqui, encarcerando alguém ali e enviando fotografias para a sede da Agência Federal de Estupefacientes como prova das suas atividades. As fotografias registavam um par de sapatos de mulher com saltos ocios para esconder drogas, portas de carros com puxadores recheados de estupefacientes, batatas com o interior removido. Uma lata de cacau *Hershey* cheia de cocaína. Roupa interior feminina embebida em solução de heroína. Um livro com um compartimento escavado no miolo que, em vez de material de leitura, oferecia um tipo diferente de alimento para o cérebro.

Na realidade, porém, esses êxitos secundários da investigação pouco efeito tinham. O problema era estrutural por natureza. Depois de terem deixado de existir as antigas autoridades nacional-socialistas, abriu-se um vácuo que os traficantes ilegais exploravam. Como se esperava que Giuliani remediasse a situação? Certo dia, porém, a esperança surgiu vinda de uma fonte inesperada. Ele recebeu uma carta de um antigo agente da Gestapo chamado Werner Mittelhaus. «Desde há muito tempo que tenho a intenção de lhe escrever porque quero falar-lhe da atividade da “Reichszentrale zur Bekämpfung [sic] von Rauschgiftvergehen” nos últimos anos da guerra.» Fora ali, no quartel-general do Reich para Combater o Crime de Estupefacientes, que Mittelhaus estivera colocado e, no seu inglês carregado, ele exprimiu um desejo: «Eu próprio gostaria muito de voltar a trabalhar nos gabinetes de estupefacientes [...] suponho que terá interesse nesse tipo de trabalho realizado na Alemanha e eu ficaria muito satisfeito se pudesse cooperar num combate comum contra o tráfico de drogas.» Concluía a sua oferta dizendo: «Nunca fui membro das SS, só membro

do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães por ordem do meu departamento. A prova das minhas posições antinazis está nas minhas mãos.»

A oferta colocava um problema ético a Giuliani: aceitaria ele ajuda de um antigo nazi, aproveitaria o seu conhecimento, deixaria que o homem lhe dissesse como policiar as ruas de Berlim? Era um dilema em que os outros aliados ocidentais também se deixaram enredar, ao passo que os russos eram inflexíveis nessa matéria. Giuliani discutiu a ideia com Anslinger, que não teve escrúpulos no caso e lhe deu a luz verde de Washington. «Pode consultar Mittelhaus como tratando-se de uma fonte possivelmente útil para a nossa organização.»

Com efeito, o diretor da AFE admirava o defunto regime nazi pela sua política estrita de proibição. «A situação na Alemanha [...] era perfeitamente satisfatória», escreveu ele. Em contraste com a caótica República de Weimar, os nazis tinham mantido a sua casa em ordem. «Durante 1939, por exemplo, e em comparação com 1924, esta redução [no consumo de drogas] correspondia a 25 por cento no caso da morfina e 10 por cento no caso da cocaína», observou Anslinger. «Graças a supervisão meticulosa, a traficância [era] praticamente impossível.» Com efeito, «pensa-se que o cumprimento da lei dos estupefacientes foi deveras eficiente na Alemanha anterior à guerra.» Em novembro de 1945, Anslinger tinha elogiado as antigas leis nazis das drogas como modelo para os Estados Unidos: eram mais «severas» e tinham «melhor base constitucional do que as nossas», razão pela qual decidiu estudar os mecanismos de controlo usados na Alemanha e nos países e territórios por ela ocupados durante a guerra. O seu objetivo: «A velha e bem-sucedida legislação alemã do ópio [devia] voltar a funcionar, tão rapidamente quanto possível, e ser aplicada com a mesma severidade que no passado.»

Os nazis tinham tratado rapidamente dos consumidores de drogas, enviando-os para campos de concentração, uma

abordagem que Anslinger via com bons olhos. Era evidente que não incomodava o alto responsável do governo norte-americano o ímpeto ideológico da guerra nazi às drogas, ao ser dirigida contra os judeus, com o seu pressuposto grau mais intensivo de consumo de drogas. Ele reconheceu abertamente o seu próprio racismo, tendo certa vez descrito um informador negro com um epíteto racial numa carta destinada aos supervisores distritais da AFE. Outra declaração característica de Anslinger é esta que proferiu perante o Congresso dos Estados Unidos: «A maconha faz os escurinhos pensarem que são tão bons como os homens brancos.» Não admira que ele fosse abertamente referido em Washington pela sua alcunha «Mussolini» — e não só por causa da sua aparência infeliz.

Para Giuliani, revelou-se difícil estabelecer contacto com o ex-agente da Gestapo: nessa altura, Mittelhaus, o antigo oficial do outrora temido Gabinete Central de Segurança do Reich (*Reichssicherheitshauptamt*), que atuara sob direção de Heinrich Himmler, chefe das SS, mudara-se para Kiel para evitar ser preso pelos russos. O exército britânico estava ali estacionado, na costa, e também manifestou interesse em trabalhar com ele.

«Falei com os oficiais de Segurança da Zona Britânica, que comunicaram com a sua delegação em Kiel», escreveu Giuliani a Anslinger. «Ele [Mittelhaus] será provavelmente reintegrado na Polícia Criminal Alemã na Zona Britânica quando for ilibado.» Os britânicos descreveram o seu informador como «indiscutivelmente eficiente e fiável», e as suas ligações como «espantosas». Conclusão de Giuliani: «Os Britânicos não têm qualquer intenção de o deixar à solta, o que não só é compreensível, mas razoável, tendo em conta o problema de pessoal em toda a Alemanha.» Premente era a convicção dos Aliados ocidentais de que precisavam da ajuda de antigos funcionários nazis para manter a sociedade alemã a funcionar. Encontrar pessoal não era uma tarefa fácil.

Contudo, o agente de controlo de estupefacientes arranhou uma solução e encontrou-se antes com um outro antigo responsável da Gestapo, chamado Ackermann, antigo nazi «capaz, enérgico e inteligente» que «podia dar [a Giuliani] toda a informação que Mittelhaus» lhe podia ter dado, incluindo sobre traficantes de drogas e o seu paradeiro atual. Ackermann também pôde fornecer cópias de formulários da Gestapo para dar informação de delitos com estupefacientes e instruções para os polícias nazis das drogas em serviço. Esses documentos tinham interesse para o norte-americano, constituindo modelos potenciais para os formulários que ele próprio poderia usar. Nessas reuniões, Ackermann lamentou que a velha legislação nazi estivesse «a ser distorcida por interpretação diversa e [estivesse] a perder por isso alguma da sua eficácia.» Giuliani, pelo seu lado, tinha esperança de que «as atividades do grupo de trabalho aqui em Berlim tendessem a corrigir isso».

O norte-americano lamentava não poder incluir Ackermann na folha de pagamentos, mas disse «tenho a certeza de que, na nossa Zona, ele seria reprovado pela desnazificação». Uma coisa, porém, parecia clara a Giuliani: a única linha de ação com alguma possibilidade de conseguir ter mão no tráfico incontido de drogas em Berlim e na Alemanha era criar «um sistema operacional central pelo qual pudesse ser canalizada a informação sobre o tráfico de estupefacientes, tanto legais como ilegais, para uma autoridade central de controlo». Uma tal autoridade, semelhante à anterior Agência de Saúde do Reich (*Reichsgesundheitsamt*) dirigida pelos nazis, deveria ter «âmbito nacional». Como dissera o seu antecessor Breidenbach, devido à «própria natureza do tráfico ilícito de estupefacientes, à sua indiferença total pelas fronteiras e à sua organização geralmente eficiente a nível internacional, é minha opinião ponderada que nenhum sistema que não disponha de uma administração nacional centralizada será eficaz em obstar ao desenvolvimento de

um tráfico ilícito e alargado de estupefacientes na Alemanha. Qualquer tentativa de controlo independente em zonas separadas, sem uma inspeção rigorosa e controlo de todo o correio, comércio e deslocações de zona para zona, será inadequada.» Anslinger tinha descrito a urgência de adotar uma abordagem centralizada em termos igualmente claros — «mostra a experiência internacional que as situações desregradas no domínio do tráfico de estupefacientes não se detêm nas fronteiras» —, enquanto Breidenbach delineava o que estava em jogo para os Estados Unidos: «Se se desenvolvesse algum tráfico ilícito e alargado, os Estados Unidos seriam uma das suas principais vítimas, quaisquer que fossem as zonas em que o comércio clandestino pudesse ter a sua origem.»

Nesse ponto, Giuliani propôs adotar por atacado os regulamentos nazis e a legislação nazi para os estupefacientes, e substituir simplesmente as designações alemãs pelas suas equivalentes em inglês. Compilou uma lista:

1. «Reichsgesundheitsamt» significará «Agência Central de Estupefacientes para Cada Zona de Ocupação».
2. «Landesopiumstelle» significará «Agência do Ópio do País ou da Província».
- ...
5. «Reichsrat» significará «Autoridade de Controlo dos Aliados».
6. «Reichstag» significará «Autoridade de Controlo dos Aliados».

Anslinger gostou desta abordagem, sobretudo porque devia ser implementada sob a direção dos Estados Unidos. O plano dele era que o trabalho de Giuliani tivesse um impacto que não se limitasse só à Alemanha. O objetivo do responsável máximo do controlo dos estupefacientes nos Estados Unidos era pôr em prática, a nível global, «uma mudança de rumo no sentido de uma política vigorosa de proibição» por meio da recém-fundada

Organização das Nações Unidas (ONU). O que ele tinha em mente era nada mais nada menos do que a criação de um quadro regulador para combater o tráfico de drogas, que seria aplicado a todo o mundo do pós-guerra. Dar continuidade aos métodos racistas dos nazis, que tinham aperfeiçoado a noção de «combater os estupefacientes» como um meio de oprimir minorias, era totalmente consistente com a mundividência dele. Devido à importância da sua influente indústria farmacêutica antes da guerra e à sua posição geopolítica como entreposto no meio da Europa, a Alemanha assumia para Anslinger um papel determinante e devia funcionar como exemplo. Se entre os rios Reno e Oder pudessem ser reintroduzidos com êxito controlos nacionais severos, um sistema regulador internacional uniforme tornar-se-ia mais do que uma possibilidade. Na sua primeira apresentação na ONU em dezembro de 1946, como delegado norte-americano da Comissão da ONU de Estupefacientes, Anslinger, apoiando-se nas experiências de Giuliani em Berlim, propôs uma abordagem à proibição das drogas escalável a nível mundial e dominada por Washington. O plano dele era remodelar a comissão de estupefacientes da ONU, tornando-a um organismo de imposição da lei que aplicasse tanto medidas repressivas como um protocolo uniforme contra as drogas que fosse vinculativo para todos os países*. Aquilo que ele não queria de todo era que a comissão se desenvolvesse no sentido de um foro de discussão pluralista que consentisse perspectivas diversificadas sobre as substâncias poderosas. O objetivo dele não era fácil de implementar, visto

* Ainda que Anslinger nunca tenha conseguido levar à prática todas as suas ideias radicais, em 1961 as Nações Unidas aprovaram a Convenção Única sobre Estupefacientes, cujo propósito é, ainda hoje, combater o abuso de drogas mediante ação internacional coordenada. Nesta medida aprovada pela ONU, a canábida, que Anslinger caracterizou como «a droga que mais violência provocou na história da humanidade», foi pela primeira vez declarada planta ilegal em todo o mundo (Herer, *Hemp and the Marijuana Conspiracy*, 29).

que nem todos os países, nem de longe, tinham aderido à ideia de proibição internacional — sobretudo, aqueles que produziam uma colheita lucrativa de ópio, como o Irão, a Turquia, a Jugoslávia e o Afeganistão*. Países como esses depressa se tornaram uma pedra no sapato de Washington.

Entretanto, em Berlim, que segundo o plano de Anslinger deveria abrir o caminho, a situação também veio a revelar-se um desafio, devido à divisão da cidade em quatro setores. Mesmo que os Aliados insistissem que queriam desenvolver uma estrutura nacional para a Alemanha, cada um deles tinha os seus interesses particulares, sobretudo no domínio da política das drogas. Os britânicos estavam principalmente empenhados em conservar diminuta a indústria farmacêutica alemã arruinada pela guerra, enquanto os franceses em geral tinham uma abordagem menos firme. «A minha reunião com o francês foi muito insatisfatória, porque ele não sabia nada da proposta e menos ainda da Lei do Ópio», queixou-se Giuliani depois de uma conversa com o seu congêneres em Paris. «Fartei-me de falar e não vi qualquer indício de compreensão da parte dele. Foi extraordinariamente cordial [...] mas foi desanimador falar perante tanta ignorância.»

* Anslinger também tinha razões materiais concretas para querer proibir a produção global de drogas, particularmente a produção do ópio: em 1939, ele combinara com a indústria farmacêutica norte-americana acumular uma enorme reserva dessa substância, de modo a poder fornecer não só os Estados Unidos, mas também os seus aliados na Segunda Guerra Mundial. Ele tinha canalizado fundos públicos e privados para produtores de ópio na Turquia, no Irão e na Índia, e em 1942 deu ordens à Companhia Americana de Provisões de Defesa para adquirir todas as reservas de ópio como preparativo para um conflito prolongado. Dez camiões carregados com perto de 300 toneladas de ópio, escoltados por agentes da AFE com metralhadoras e em estado de prontidão, tinham viajado de portos das costas Leste e Oeste para o Forte Knox, onde estão depositadas as reservas de ouro dos Estados Unidos. Aí foi descarregada a matéria-prima, sendo depois levada para as empresas farmacêuticas, onde foi transformada em opiáceos e opioides. Em 1943, os Aliados ocidentais, que usavam esses produtos para tratar os seus feridos, tinham-se tornado dependentes de exportações dos Estados Unidos no que dizia respeito a derivados do ópio, e Anslinger tornara-se em segredo dirigente de um mercado global de estupefacientes — na prática, um barão global das drogas com o apoio do governo norte-americano.

Entretanto, os russos lançaram areia na engrenagem dos planos de Giuliani. Recusaram liminarmente aderir ao plano para adotar a abordagem nazi. Em reuniões do Grupo de Trabalho para o Controlo de Estupefacientes, realizadas de poucas em poucas semanas na Sala 329 do edifício do Conselho do Controlo Aliado no Kleistpark de Berlim, todas as tentativas dos norte-americanos para levarem todas as partes a concordar com a proibição em todas as zonas foram rejeitadas pelo congénere de Giuliani com a estrela vermelha no gorro militar.

Cada vez mais frustrado, Giuliani virou-se para Washington e enviou relatos de «manifesta sabotagem da parte dos Soviéticos». A nível pessoal, dava-se bem com o major Karpov e até almoçavam muitas vezes juntos. «Informalmente, dou-me bem com o soviético. É um ideólogo enfadonho. Penso que é assim com a maioria dos soviéticos. Seguem a orientação oficial com uma monotonia de pasmar.» Logo que principiavam as reuniões do «grupo de trabalho», era «difícil» para Giuliani «negociar» com ele. Karpov, juntamente com o seu colega general de brigada Sidorov, rejeitava regularmente propostas para constituir uma comissão contra as drogas que abarcasse todos os setores e para reforçar a legislação. Isso dava lugar a discussões acaloradas em que «muitas palavras impróprias circulavam, em surdina, entre as delegações de todas as partes». Giuliani escreveu sobre uma «frustração irritante» que «dava cabo dos nervos». Para Washington, escreveu: «Foi sempre perceptível que o participante soviético tencionava desde o início sabotar qualquer tentativa [...] de instituir uma aplicação uniforme.»

Totalmente insatisfeito, Giuliani resumiu as coisas a 14 de novembro de 1946: «Era óbvio que os Soviéticos tencionavam absolutamente bloquear a proposta geral [...] As objeções dos respetivos membros baseavam-se numa perversidade inexplicável. Todos os argumentos deles vinham formulados em termos que só podem ser descritos como egotistas [*sic*].» Neste ponto,

Anslinger pediu a Giuliani «um relatório [...] sobre a situação na Alemanha, a mostrar o que estava a acontecer nas quatro zonas quanto ao controlo de estupefacientes e como o programa [se estava] a deteriorar devido à inexistência de ação central», e acrescentou «que também mostre as táticas de bloqueio usadas pelos Russos e o facto de que o Grupo de Trabalho não passa de um fracasso».

Giuliani meteu mãos ao trabalho e escreveu o relatório desejado a partir de Berlim. Anslinger costumava insistir num argumento que apresentara antes perante a Comissão de Estupefacientes da ONU, a acusar a União Soviética de tentar inundar o Ocidente com substâncias narcóticas com vista a desestabilizar as suas sociedades democráticas — uma afirmação que ia muito além da avaliação de Giuliani.

Assim, o insucesso em manter unidas Berlim e a Alemanha, para evitar que os setores ocidental e oriental se apartassem cada vez mais, manifestou-se também ao nível da política das drogas. Como Moscovo mostrou relutância, os norte-americanos não conseguiram implementar uma política proibicionista unificada para todas as quatro zonas. A capital alemã estava ainda em ruínas e as diligências de Giuliani como agente de controlo de estupefacientes foram em vão. Ao sintetizar o seu trabalho em Berlim, ele parecia ambivalente: «Não importa o que ali alcancei, recordarei sempre esta experiência como a mais invulgar que alguma vez tive.» Pelo menos uma coisa se tornara clara para ele: se o seu chefe, Anslinger, ia travar uma guerra global contra as drogas, iria precisar de muita perseverança*.

* E de facto tinha-a: Anslinger sobreviveu no cargo a cinco presidentes norte-americanos e foi, logo atrás de J. Edgar Hoover, diretor do FBI, o segundo funcionário de topo governamental que mais tempo serviu em Washington. Sucessivas administrações herdaram e deram continuidade à institucionalização estrutural do racismo dele sob cobertura de uma política abrangente de interdição das drogas. A partir da década de 1930, quando a legislação contra os estupefacientes preparada por Anslinger

Foi considerada a criação farmacológica
mais promissora de todos os tempos.
Mas, poucos anos volvidos,
algo aconteceu ao LSD...

A descoberta fortuita do LSD pela farmacêutica suíça Sandoz, em abril de 1943, levou à exploração em massa deste promissor alucinógeno, utilizado inicialmente como um fármaco para o tratamento de doenças mentais e, depois, como um «soro da verdade» pela CIA.

Norman Ohler apresenta-nos aqui o resultado de uma extensa investigação em ambos os lados do Atlântico. Sendo uma consequência do seu *bestseller Delírio Total*, a realidade é que este livro vai muito além, podendo ser lido de forma autónoma. É, entre outros fatores, o resultado do interesse cada vez maior na utilização médica do LSD, nomeadamente no caso de pacientes com a doença de Alzheimer. Como a mãe do autor.

Partindo de uma motivação pessoal, Norman Ohler revela nestas páginas todo o percurso do fármaco, da descoberta à proibição, dando a conhecer como as experiências nazis influenciaram secretamente a pesquisa da CIA e moldaram a Guerra às Drogas norte-americana.

Com um elenco de personagens que vai de Albert Hofmann — o pai do LSD — à Agência Federal de Estupefacientes, de Richard Nixon a Elvis Presley, e de Aldous Huxley a John Lennon, este é um livro emocionante, revelador e que faz ressurgir o debate sobre a utilização terapêutica do alucinógeno.

«Uma acessível história dos psicadélicos e um fascinante lamento pelo facto de o duplo legado da política de drogas nazi — tolerância zero e armamento — ter limitado tão severamente a investigação sobre as suas propriedades medicinais.»

New York Times Book Review



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
@ penguinlivros

ISBN: 978-989-583-383-2



9 789895 833832